

A QUEDA DOS REINOS

MORGAN RHODES

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © by 2012 Penguin Group USA (Inc.)

A Editora Seguinte é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Falling Kingdoms

CAPA Emily Osborne

ARTE DE CAPA Shane Rebenshied — © Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO Mariana Zanini

REVISÃO Juliane Kaori e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rhodes, Morgan

A queda dos reinos / Morgan Rhodes ; tradução Flávia Souto
Maior.— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Falling Kingdoms

ISBN 978-85-65765-13-8

1. Ficção — Literatura juvenil. I. Título.

13-02917

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

PERSONAGENS

URANOS

Reino do sul

Cleiona (Cleo) Bellos	Princesa auraniana mais nova
Emilia Bellos	Princesa auraniana mais velha
Theon Ranus	Guarda pessoal de Cleo
Simon Ranus	Pai de Theon
Aron Lagaris	Nobre da corte, pretendente de Cleo
Corvin Bellos	Rei de Auranos
Elena Bellos	Finada rainha de Auranos
Nicolo (Nic) Cassian	Escudeiro do rei
Mira Cassian	Irmã de Nic e dama de companhia de Emilia
Rogerus Cassian	Falecido pai de Nic e Mira
Darius Larides	Ex-noivo de Emilia
Sebastien Lagaris	Pai de Aron
Cleiona	Deusa do fogo e do ar

AELSLIA

Reino médio

Jonas Agallon	Filho mais novo de um comerciante de vinhos
Tomas Agallon	Irmão mais velho de Jonas
Silas Agallon	Comerciante de vinhos, pai de Jonas, Tomas e Felicia
Felicia Agallon	Irmã mais velha de Jonas
Paulo	Marido de Felicia
Brion Radenos	Melhor amigo de Jonas

Eirene	Aldeã
Sera	Neta de Eirene
Hugo Basilius	Líder paelsiano
Laelia Basilius	Filha de Hugo Basilius
Leo	Morador da vila de Jonas; soldado de onze anos de idade
Tarus	Um dos rebeldes de Jonas
Eva	Feiticeira original, vigilante

LIMEROS

Reino do norte

Magnus Damora	Príncipe de Limeros
Lucia Damora	Princesa de Limeros
Gaius Damora	Rei de Limeros
Althea Damora	Rainha de Limeros
Sabina Mallius	Amante do rei; bruxa
Jana	Irmã de Sabina
Michol Trichas	Admirador de Lucia
Tobias Argynos	Filho bastardo de Gaius
Lady Sophia	Amiga do rei
Lorde Lenardo	Amigo do rei
Andreas Psellos	Pretendente de Lucia; rival de Magnus
Amia	Criada da cozinha
Valoria	Deusa da terra e da água

VIGILANTES

Ioannes	Vigilante jovem
Timotheus	Vigilante ancião
Phaedra	Vigilante jovem
Danaus	Vigilante ancião

PRÓLOGO

Ela nunca havia matado até aquela noite.

— Afaste-se — sua irmã sussurrou.

Jana encostou-se no muro do palacete. Ela olhou atentamente as sombras que a cercavam e depois voltou o olhar para as estrelas que brilhavam como diamantes em contraste com o céu negro.

Apertando os olhos, ela orou para a antiga feiticeira.

— Por favor, Eva, dê-me a magia necessária para encontrá-la.

Quando ela abriu os olhos, foi tomada pelo medo. No galho de uma árvore, a uns dez passos de distância, havia um falcão dourado.

— Eles estão nos observando — sussurrou. — Eles sabem o que fizemos.

Sabina olhou para a ave.

— Precisamos agir. Agora. Não temos tempo a perder.

Sem deixar o falcão ver seu rosto, Jana se afastou da segurança do muro para seguir a irmã até a pesada porta de carvalho e ferro do palacete. Sabina pressionou as mãos contra a porta, canalizando a magia fortalecida pelo sangue que elas haviam derramado antes. Jana notou que as unhas da irmã ainda estavam manchadas de vermelho e estremeceu com a lembrança. As mãos de Sabina começaram a emitir uma luz âmbar; um instante depois, a porta viu a serragem. A madeira não fora capaz de barrar a magia da terra.

Sabina olhou para trás com um sorriso vitorioso. De seu nariz escorria sangue.

Ao ver a expressão assustada da irmã, o risinho de Sabina desapareceu. Ela limpou o sangue e entrou na grande casa.

— Não é nada.

Mas não era bem assim. Se usassem muito aquela magia temporariamente aperfeiçoada, poderiam ser prejudicadas. Poderiam morrer se não tomassem cuidado.

Sabina Mallius, no entanto, não costumava ser cautelosa. Naquela mesma noite, ela não titubeou em usar sua beleza para conduzir o homem inocente da taverna até seu destino. Jana, por sua vez, havia hesitado até demais antes de sua lâmina afiada atingir o coração dele.

Sabina era forte, impetuosa e destemida. Com o coração na garganta ao acompanhá-la, Jana desejou ser mais parecida com a irmã mais velha. Mas ela sempre fora a mais prudente. A que fazia planos. Aquela que via sinais nas estrelas porque havia estudado o céu noturno a vida toda.

A criança da profecia havia nascido e estava naquele grande e luxuoso palacete, construído com pedras resistentes e madeira, em oposição aos casebres de palha e barro da vila vizinha.

Jana tinha certeza de que era o lugar certo.

Ela era o conhecimento; Sabina era a ação. Juntas eram imbatíveis.

Sabina gritou ao virar em um corredor mais adiante. Jana apertou o passo, com o coração acelerado. No corredor escuro, iluminado apenas por tochas que tremeluziam com luz escassa, um guarda segurava Sabina pelo pescoço.

Jana não pensou. Ela agiu.

Com as mãos estendidas, evocou a magia do ar. O guarda perdeu a força e voou para longe de Sabina, batendo na parede que havia atrás

dela com uma força capaz de esmagar seus ossos. Ele caiu no chão, formando um monte desconjuntado.

Uma dor aguda atravessou a cabeça de Jana, forte o bastante para fazê-la chorar. Ela limpou o sangue quente e grosso que escorria do nariz. Sua mão tremia.

Sabina tocou com cautela a garganta ferida:

— Obrigada, minha irmã.

Essa magia renovada ajudou-as a acelerar o passo e a clarear a vi-são no breu dos corredores estreitos e desconhecidos. Mas não duraria muito.

— Onde está ela? — Sabina perguntou.

— Perto.

— Estou confiando em você.

— A criança está aqui. Sei que está.

Elas deram mais alguns passos pelo corredor escuro.

— Aqui. — Jana parou diante de uma porta destrancada.

Ela abriu a porta e as duas seguiram na direção do berço de madeira com entalhes que havia no quarto. Elas olharam para o bebê, enrolado em um cobertor macio de pelo de coelho. Sua pele era bem branca, com um brilho rosado e saudável nas bochechas rechonchudas.

Jana a adorou de imediato. O primeiro sorriso que conseguiu dar em dias brotou em seu rosto.

— Bela menina — ela sussurrou, apoiando-se no berço para pegar a recém-nascida com cuidado.

— Tem certeza de que é ela?

— Tenho.

Mais do que qualquer outra coisa em seus dezessete anos de vida, Jana tinha certeza absoluta. A criança que ela levava nos braços, aquele bebê lindo e pequeno, com olhos da cor do céu e uma penugem de cabelo que um dia seria negro como a asa de um corvo, era a que

a profecia dizia possuir a magia necessária para encontrar a Tétrade — quatro objetos que contêm a fonte de todos os *elementia*, a magia elementar. Terra e água, fogo e ar.

A magia da criança seria a de uma feiticeira, não de uma bruxa comum como Jana e sua irmã. A primeira em mil anos, desde a existência da própria Eva. Não haveria necessidade de sangue ou morte na magia dessa menina.

Jana havia visto seu nascimento nas estrelas. Encontrar aquela criança era seu destino.

— Largue a minha filha — uma voz resmungou nas sombras. — Não a machuque.

Jana se virou, agarrando a criança junto ao peito. Seus olhos pouparam sobre a adaga que a mulher apontava para elas. A lâmina afiada brilhava sob a luz de velas. O coração de Jana quase saiu do peito. Aquele era o momento que ela temia, que havia orado para não acontecer.

Os olhos de Sabina brilharam:

— Machucá-la? Não é nada disso que pretendemos fazer. Você nem sabe o que ela é, sabe?

A mulher franziu a testa, confusa, mas a fúria endureceu seu olhar:

— Eu vou matar você antes de permitir que saia deste quarto com ela.

— Não — Sabina ergueu as mãos —, não vai.

Os olhos da mãe se arregalaram e ela ficou boquiaberta, sem ar. Ela não conseguia respirar — Sabina estava bloqueando o fluxo de ar em seus pulmões. Jana se virou, contorcendo o rosto de dor. Acabou num instante. A mulher caiu no chão ainda se debatendo, enquanto as irmãs desviavam do corpo e fugiam do quarto.

Jana enrolou seu manto solto ao redor da menina para escondê-la enquanto deixavam o palacete e corriam para a floresta. O nariz de Sabina sangrava profusamente por usar tanta magia destrutiva. O sangue pingava no chão coberto de neve.

— Isso foi demais — Jana sussurrou quando as duas começaram a andar mais devagar. — Foram mortes demais por hoje. Odeio isso.

— Ela não teria nos deixado levar a menina de outra forma. Deixe-mevê-la.

Um tanto relutante, Jana entregou a bebê.

Sabina pegou a criança e examinou seu rosto na escuridão. Ela olhou para Jana e lançou-lhe um sorriso perverso:

— Conseguimos.

Jana sentiu uma empolgação repentina, apesar das dificuldades que haviam enfrentado.

— Conseguimos.

— Você foi incrível. Gostaria de ter visões iguais às suas.

— Só consigo ter essas visões com grande esforço e sacrifício.

— Tudo demanda grande esforço e sacrifício. — A voz de Sabina distorceu-se com um desdém repentino. — Até demais. Mas, para essa criança, um dia a magia virá muito fácil. Tenho inveja dela.

— Vamos criá-la juntas. Nós a educaremos e apoiaremos, e quando chegar a hora de seguir seu destino, caminharemos ao lado dela o tempo todo.

Sabina negou com a cabeça.

— Você, não. Eu fico com ela daqui por diante.

Jana franziu a testa.

— O quê? Sabina, pensei que tínhamos concordado em tomar todas as decisões juntas.

— Mas não desta vez. Tenho outros planos para a criança. — Sua expressão endureceu. — E sinto muito, minha irmã, mas eles não incluem você.

Olhando nos olhos repentinamente frios de Sabina, Jana não sentiu logo no início a ponta afiada da adaga que afundava em seu peito. Ela ficou ofegante quando a dor começou a penetrar.

Elas haviam compartilhado todos os dias, todos os sonhos... todos os segredos.

No entanto, pelo visto, nem *todos* os segredos. Aquilo era algo que Jana nunca poderia prever.

— Por que você me trairia desse jeito? — Conseguiu dizer. — Você é minha irmã...

Sabina limpou o sangue que ainda escorria de seu nariz.

— Por amor.

Quando ela puxou a lâmina, Jana caiu de joelhos no chão congelado.

Sem olhar para trás, Sabina logo se afastou com a criança e foi engolida pela floresta escura.

A visão de Jana foi ficando turva e seu coração desacelerou. Ela observou o momento em que o falcão que havia visto voou para longe... deixando-a lá, para morrer sozinha.

1

PAELSIA



DEZESSEIS ANOS DEPOIS

— Uma vida sem vinho e beleza não merece ser vivida. Não concorda, princesa?

Aron passou o braço pelos ombros de Cleo enquanto o grupo de quatro pessoas andava pelo caminho seco e rochoso.

Eles estavam em terra há menos de duas horas e ele já estava bêbado, fato nada surpreendente quando se tratava de Aron.

Os olhos de Cleo se fixaram no guarda do palácio que os acompanhava. O olhar dele parecia reprovar a proximidade entre Aron e a princesa de Auranos. Mas o guarda não precisava se preocupar. Apesar da sofisticada adaga cravada de joias que Aron sempre levava pendurada no cinto, ele era menos perigoso do que uma borboleta. Uma borboleta bêbada.

— Concordo plenamente — disse ela, mentindo um pouco.

— Já estamos chegando? — Mira perguntou. A bela menina com cabelos longos e avermelhados e uma pele perfeita era amiga de Cleo e dama de companhia da irmã mais velha da princesa. Quando Emilia decidiu ficar em casa por conta de uma dor de cabeça repentina, ela insistiu que Mira acompanhasse Cleo no passeio. Quando o navio chegara ao porto, alguns amigos decidiram permanecer no conforto da embarcação enquanto Cleo e Mira se juntaram a Aron naquela excursão a uma vila próxima para encontrar a garrafa de

vinho “perfeita”. As adegas do palácio armazenavam milhares de garrafas de vinho de Auranos e Paelsia, mas Aron havia ouvido falar de uma vinícola específica que, supostamente, tinha um produto sem igual. A seu pedido, Cleo emprestou um dos navios do pai e convidiu vários amigos para uma viagem a Paelsia apenas para procurar a tal garrafa ideal.

— Você devia perguntar a Aron. É ele que está conduzindo este passeio. — Cleo puxou o manto de veludo com bordas de pele para bloquear o frio. Embora o chão estivesse limpo, alguns leves flocos de neve flutuavam pelo caminho cheio de pedras. Paelsia ficava mais ao norte do que Auranos, mas a temperatura do lugar ainda assim a surpreendeu. Auranos tinha clima quente e temperado, mesmo nos meses mais gélidos de inverno. Tinha colinas verdes, oliveiras robustas e vários hectares de terras cultiváveis. Paelsia, por sua vez, parecia poeirenta e cinza até onde a vista alcançava.

— Já estamos chegando? — Aron repetiu. — Se estamos chegando? Mira, meu doce, coisas boas vêm àqueles que esperam. Lembre-se disso.

— Meu senhor, sou a pessoa mais paciente que conheço. Mas meus pés estão doendo. — Ela atenuou a reclamação com um sorriso.

— O dia está lindo e eu tenho a sorte de estar acompanhado de duas meninas lindas. Devemos agradecer à deusa por esse esplendor.

Olhando para o guarda, Cleo percebeu que ele revirou os olhos por um instante. Quando notou que ela o havia visto, ele não desviou o olhar de imediato, como faria qualquer outro guarda. Ele continuou olhando com uma obstinação que a intrigou. Ela se deu conta de que não havia visto — ou pelo menos notado — aquele guarda antes.

— Qual é o seu nome? — Ela se dirigiu a ele.

— Theon Ranus, vossa alteza.

— Bem, Theon, você tem algo a acrescentar à nossa discussão sobre o quanto caminhamos esta tarde?

Aron gargalhou e bebeu de seu cantil.

— Não, princesa.

— Estou surpresa, já que é o único que precisará carregar as caixas de vinho até o navio.

— É meu dever e honra servi-la.

Cleo o observou por um instante. Os cabelos dele eram cor de bronze escuro, a pele, morena e lisa. Ele parecia mais um de seus amigos ricos que esperavam no navio do que um guarda que o rei insistira que os acompanhasse na viagem.

Aron devia estar pensando a mesma coisa.

— Você parece jovem para um guarda de palácio. — Suas palavras se aglomeravam ebriamente enquanto ele encarava Theon com os olhos semicerrados. — Você não deve ser muito mais velho do que eu.

— Tenho dezoito anos, meu senhor.

Aron bufou:

— Admito meu erro. Você é bem mais velho do que eu. Muito.

— Um ano — lembrou Cleo.

— Um ano pode ser uma bela eternidade. — Aron forçou um riso. — Pretendo me apegar à minha juventude e falta de responsabilidade pelo último ano que me resta.

Cleo ignorou Aron, pois o nome do guarda lhe fez lembrar uma coisa. Ela havia escutado, por acaso, seu pai falar algo sobre a família Ranus ao sair de uma reunião do conselho. O pai de Theon havia morrido há apenas uma semana, ao cair de um cavalo. Ele quebrou o pescoço na hora.

— Minhas condolências pela morte de seu pai — ela disse com sinceridade. — Simon Ranus era muito respeitado como guarda pessoal do rei.

Theon fez um gesto rígido de reconhecimento com a cabeça.

— Era um trabalho que ele exercia com muito orgulho. E um posto para o qual espero ter a honra de ser considerado quando o rei

Corvin escolher um substituto. — Theon franziu a testa como se não esperasse que ela soubesse da morte de seu pai. Havia uma ponta de pesar em seus olhos escuros. — Obrigado pelas gentis palavras, vossa alteza.

Aron bufou alto e Cleo lhe lançou um olhar de reprovação.

— Ele era um bom pai? — ela perguntou.

— O melhor de todos. Ele me ensinou tudo o que sei desde o momento em que consegui empunhar uma espada.

Ela assentiu, esboçando compreensão.

— Então o conhecimento dele continuará vivo por meio de você.

Agora que a beleza morena do jovem guarda havia chamado sua atenção, era difícil voltar a olhar para Aron, cuja figura delgada e pele pálida denunciavam uma vida passada em ambiente fechado. Os ombros de Theon eram largos, seus braços e peito eram musculosos e ele preenchia o uniforme azul-escuro da guarda do palácio melhor do que ela jamais imaginou ser possível.

Sentindo-se culpada, Cleo se forçou a voltar a atenção a seus amigos.

— Aron, você tem mais meia hora até voltarmos para o navio. Estamos fazendo os outros esperar.

Auranianos adoravam uma boa festa, mas não eram conhecidos por sua paciência. E já que tinham sido levados às docas paelsianas pelo navio do rei, teriam que ficar esperando até que Cleo voltasse.

— O mercado é mais para a frente — Aron respondeu, apontando. Cleo e Mira viram um aglomerado de bancas de madeira e velhas barracas coloridas, talvez a uns dez minutos de caminhada. Era o primeiro sinal de gente desde que haviam passado por um bando de crianças esfarrapadas reunidas ao redor de uma fogueira, havia uma hora. — Você logo verá que a viagem valeu a pena.

Diziam que o vinho paelsiano era uma bebida digna da deusa. Além de ser delicioso, suave, impossível de encontrar em qualquer ou-

tra terra, seus efeitos não provocavam mal-estar ou dores de cabeça no dia seguinte, independente da quantidade consumida. Alguns diziam que havia uma mágica da terra muito forte no solo de Paelsia, e nas próprias uvas, para que fossem tão perfeitas em uma região com tantas imperfeições.

Cleo não pretendia provar. Ela não bebia mais vinho — não bebia há muitos meses. Antes disso, havia consumido muito vinho aurania-no, cujo sabor não era muito melhor que o do vinagre. Mas as pessoas — pelo menos Cleo — não bebiam pelo sabor, e sim pelos resultados inebriantes, a sensação de não ter preocupação alguma. Aquela sensação, sem uma âncora para manter a pessoa próxima da margem, poderia deixá-la à deriva em território perigoso. E Cleo não pretendia bebericar nada mais forte do que água ou suco de pêssego.

Cleo observava Aron esvaziar seu cantil. Ele sempre bebia a parte dele e a dela e não se desculpava por nada que fazia sob a influência do álcool. Apesar dos defeitos, muitos na corte o consideravam o rapaz que o rei escolheria como o futuro marido de Cleo. A ideia a fazia estremecer, apesar de ela ainda mantê-lo próximo. Aron conhecia um segredo seu. Mesmo não o tendo mencionado há vários meses, Cleo tinha certeza de que ele não o havia esquecido. E nunca esqueceria.

A revelação desse segredo a destruiria.

Por isso Cleo o tolerava socialmente com um sorriso nos lábios. Ninguém imaginaria que ela o odiava.

— Chegamos — Aron anunciou ao adentrarem os portões do mercado da vila. Depois das bancas, à direita, Cleo viu umas pequenas casas e chalés. Embora de aparência bem menos próspera que as fazendas do interior auraniano, Cleo notou com surpresa que as pequenas estruturas de barro com telhado de palha e janelas diminutas pareciam alinhadas e bem cuidadas, destoando da impressão que ela tinha de Paelsia. Aquele era um território de camponeses governado não por um rei, mas por um líder, que, segundo boatos, era um

feiticeiro poderoso. Apesar da proximidade entre Paelsia e Auranos, Cleo quase nunca parava para pensar em seus vizinhos do norte, exceto por um vago interesse em histórias divertidas sobre os paelsianos “selvagens”.

Aron parou diante de uma banca coberta de tecido roxo escuro que ia até o chão poeirento.

Mira suspirou aliviada:

— Finalmente.

Cleo se virou para a esquerda e foi cumprimentada por um par de brilhantes olhos negros e um rosto moreno e enrugado. Por instinto, deu um passo para trás e sentiu Theon firme e confortavelmente próximo, atrás dela. O homem parecia bruto, até mesmo perigoso, assim como outros que haviam cruzado o caminho deles desde que chegaram a Paelsia. O dente da frente do vendedor de vinho estava lascado, mas era branco à luz do sol forte. Ele usava roupas simples, feitas de linho e pele de carneiro gasta, e uma grossa túnica de lã para se aquecer. Constrangida, Cleo puxou o manto adornado com pele de zibelina para mais perto de seu vestido de seda azul-clara, bordado com ouro.

Aron olhou para o homem com interesse.

— Você é Silas Agallon?

— Sou.

— Ótimo. Hoje é seu dia de sorte, Silas. Ouvi dizer que seu vinho é o melhor de Paelsia.

— Ouviu bem.

Uma adorável moça de cabelos escuros surgiu dos fundos da banca.

— Meu pai é um vinicultor talentoso.

— Esta é Felicia, minha filha. — Silas apontou para a moça. — Uma filha que neste exato momento devia estar se arrumando para se casar.

Ela riu:

— E deixar o senhor carregando caixas de vinho o dia inteiro? Vim tentar convencê-lo a fechar a banca mais cedo.

— Talvez. — O brilho de satisfação nos olhos escuros do vendedor de vinho transformou-se em desdém quando olhou para as roupas finas de Aron. — E você deve ser...?

— Você e sua adorável filha têm o grande privilégio de serem apresentados à sua alteza real, princesa Cleiona Bellos de Auranos.

— Aron apontou para ela e depois para Mira. — Esta é Lady Mira Cassian. E eu sou Aron Lagaris. Meu pai é senhor da Encosta dos Anciões, no sul de Auranos.

A filha do vendedor de vinho olhou para Cleo, surpresa, e baixou a cabeça com respeito.

— É uma honra, vossa alteza.

— Sim, é uma honra — concordou Silas, e Cleo não detectou sarcasmo em sua voz. — A realeza de Auranos ou Limeros quase nunca visita nossa humilde vila. Não me lembro qual foi a última vez. Ficarei honrado em lhe dar uma amostra antes de discutirmos a compra, vossa alteza.

Cleo negou e sorriu.

— É Aron que está interessado em sua mercadoria. Eu só vim acompanhá-lo até aqui.

O vendedor de vinho pareceu decepcionado, até mesmo um pouco magoado.

— Ainda assim, seria uma grande honra se provasse meu vinho. Quem sabe para brindar ao casamento de minha filha?

Como poderia recusar um pedido como aquele? Ela concordou, tentando esconder sua relutância.

— É claro. Será um prazer.

Quanto antes ela bebesse, mais rápido poderiam ir embora do mercado. Ainda que fosse colorido e movimentado, o cheiro não era nada bom — como se o odor de uma fossa próxima estivesse no ar e

não houvesse fragrâncias ou flores para encobrir o fedor. Apesar da empolgação de Felicia por seu casamento iminente, a pobreza daquela terra e daquelas pessoas era perturbadora. Talvez Cleo devesse ter ficado no navio enquanto Aron buscava vinho para seus amigos.

Tudo o que ela sabia sobre a pequena e pobre Paelsia é que tinha uma riqueza que nenhum dos reinos vizinhos poderia tomar. Em solo paelsiano, tão próximo do mar, cultivavam-se vinhedos sem igual. Muitos atribuíam o feito à magia da terra. Cleo havia ouvido histórias de videiras roubadas dali que secaram e morreram assim que cruzaram a fronteira.

— Vocês serão meus últimos fregueses — Silas afirmou. — Depois atenderei o pedido de minha filha e fecharei a banca para me preparar para o casamento, ao anoitecer.

— Minhas felicitações a ambos — Aron disse, sem interesse, enquanto passava os olhos pelas garrafas em exposição, com os lábios apertados. — Tem taças apropriadas para nossa degustação?

— É claro que sim. — Silas foi até a carroça e vasculhou uma frágil caixa de madeira. Ele pegou três taças que refletiam a luz do sol e depois tirou a rolha de uma garrafa de vinho. Um líquido claro, cor de âmbar, escorreu nas taças, e a primeira foi oferecida a Cleo.

Theon chegou de repente ao lado de Cleo, arrancando a taça das mãos do vendedor de vinho antes que a garota a tocasse. O olhar obscuro no rosto do guarda fez Silas dar um passo trêmulo para trás e trocar olhares com sua filha.

Cleo perdeu o fôlego, surpresa.

— O que você está fazendo?

— Você provaria algo oferecido por um estranho sem pensar duas vezes? — perguntou Theon, bruscamente.

— Não está envenenado.

Ele olhou dentro da taça.

— E você tem certeza disso?

Ela olhou para ele, impaciente. Ele achava mesmo que alguém podia envenená-la? Por quê? A paz entre as terras já durava mais de um século. Não havia ameaça ali. Ter um guarda do palácio acompanhando-a naquela excursão era mais para agradar seu pai superprotetor do que por uma real necessidade.

— Está bem — ela acenou. — Fique à vontade para ser meu degustador. Prometo não beber nada se você cair morto.

— Ah, que ridículo — resmungou Aron. Ele inclinou sua taça e a esvaziou sem pensar duas vezes.

Cleo olhou para ele por um instante.

— E então? Está morrendo?

Ele estava com os olhos fechados, saboreando.

— Só se for de sede.

Ela voltou a atenção a Theon e sorriu, ridicularizando-o um pouco.

— Posso pegar minha taça de volta agora? Ou acha que o vendedor envenenou cada uma delas?

— É claro que não. Por favor, desfrute. — Ele estendeu a taça para que ela a pegasse. Os olhos escuros de Silas demonstravam mais constrangimento do que irritação pela cena que o guarda havia provocado.

Cleo tentou disfarçar quando percebeu que a limpeza da taça era questionável.

— Tenho certeza de que está delicioso.

O vendedor de vinho parecia agradecido. Theon se afastou e ficou do lado direito da carroça, relaxado, porém atento. E Cleo achava que seu pai era superprotetor.

De canto de olho, ela viu Aron virar o copo e esvaziar a segunda amostra que a filha do vendedor lhe havia servido.

— Incrível. Extraordinário. Exatamente como me disseram.

Mira deu um gole mais contido e logo ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— É maravilhoso.

Certo. Sua vez. Hesitante, Cleo provou o líquido. Assim que tocou sua língua, ela ficou consternada. Não por estar estragado, mas por ser delicioso — doce, suave, incomparável a qualquer coisa que tivesse provado antes. Ela logo sentiu vontade de tomar mais. O coração começou a bater mais rápido. Mais alguns goles foram suficientes para esvaziar a taça, e ela olhou para os amigos. O mundo de repente parecia brilhar com halos dourados e seus companheiros pareciam mais belos do que já eram. Aron ficou um pouco menos odiável a seus olhos.

E Theon — apesar do comportamento autoritário — também estava incrivelmente bonito.

O vinho era perigoso, não restavam dúvidas. Valia qualquer dinheiro que o vendedor pedisse. E Cleo precisava ficar o mais longe possível dele, naquele momento e no futuro.

— Seu vinho é muito bom — ela disse em voz alta, tentando não parecer muito entusiasmada. Ela queria pedir mais uma taça, mas engoliu as palavras.

Silas ficou radiante.

— Fico feliz em ouvir isso.

Felicia assentiu.

— Como eu disse, meu pai é um gênio.

— Sim, acho que vale a pena comprar seu vinho — Aron resmungou. Ele havia bebido o caminho todo do cantil dourado que sempre carregava. Àquele ponto, era surpreendente que continuasse em pé sem ajuda. — Quero levar quatro caixas hoje e mandar entregar mais uma dúzia em minha vila.

Os olhos de Silas se acenderam.

— Podemos providenciar isso, com certeza.

— Eu lhe pagarei quinze céntimos auranianos por caixa.

A pele morena do vendedor empalideceu.

— Mas cada caixa vale pelo menos quarenta. Já cheguei a receber até cinquenta.

Os lábios de Aron se afinaram.

— Quando? Há cinco anos? Não há compradores o suficiente nos dias de hoje para que você ganhe tanto dinheiro. Limeros não tem sido um bom freguês nos últimos anos, não é? Importar vinho caro está no fim da lista de prioridades, com todos os problemas econômicos. Então sobra Auranos, porque todos sabem que seus compatriotas abandonados pela deusa não têm nem um tostão furado. Quinze por caixa é minha última oferta. Considerando que quero dezesseis caixas — e talvez mais no futuro —, eu diria que foi um bom negócio. Esse dinheiro não seria um belo presente para dar à sua filha no dia do casamento? Hein, Felicia? Não seria melhor do que fechar a banca mais cedo e não ganhar nada?

Felicia mordeu o lábio inferior, juntando as sobrancelhas.

— É melhor do que nada. Sei que o casamento está custando muito, mas... eu não sei. Pai?

Silas estava prestes a dizer algo, mas hesitou. Cleo estava prestando pouca atenção, mais concentrada em tentar resistir ao ímpeto de beber da taça que Silas havia completado para ela. Aron adorava negociar. Era um passatempo dele conseguir o melhor preço possível, independente do que estivesse comprando.

— Não quero desrespeitá-lo, de modo algum — Silas disse, apertando as mãos. — Estaria disposto a aumentar para vinte e cinco cêntimos por caixa?

— Não. Não estaria. — Aron verificava as unhas das mãos. — Por melhor que seja o seu vinho, sei que existem muitos outros vendedores nesse movimentado mercado, assim como no caminho de volta para o navio, que ficariam mais do que felizes em aceitar minha oferta. Posso fazer negócio com eles se preferir perder essa venda. É isso que você quer?

— Não, eu... — Silas engoliu, com a testa enrugada. — Eu que-

ro vender meu vinho. É por isso que estou aqui. Mas por quinze cêntimos...

— Tenho uma ideia melhor. Por que não mudamos para *catorze* cêntimos por caixa? — Uma ponta de malícia apareceu nos olhos verdes de Aron. — E você tem dez segundos para aceitar, ou minha oferta cai mais um cêntimo.

Mira desviou os olhos do debate, constrangida. Cleo abriu a boca — então, lembrando-se do que Aron poderia fazer com seu segredo se falasse algo, fechou-a. Ele estava determinado a comprar o vinho pelo menor preço que pudesse. E não por não poder pagar mais, já que Cleo sabia que ele carregava dinheiro mais do que suficiente para comprar muitas caixas, até mesmo pelo preço mais alto.

— Está bem — Silas disse entre dentes, embora aquilo parecesse feri-lo. Ele olhou rapidamente para Felicia antes de voltar sua atenção a Aron. — Dezesseis caixas a *catorze* cada. Darei à minha filha o casamento que ela merece.

— Excelente. Como nós auranianos sempre afirmamos... — Com um sorrisinho de vitória, Aron enfiou a mão no bolso e tirou um bolo de notas, contando-as na mão estendida do homem. Ficou mais do que óbvio que a soma total era apenas uma pequena porcentagem do que Aron levava consigo. Pelo olhar de ultraje nos olhos de Silas, o insulto não passou despercebido. — ... Uvas — continuou Aron — nunca faltarão para alimentar sua nação.

Dois indivíduos se aproximaram da banca pela esquerda de Cleo.

— Felicia? — perguntou uma voz grave. — O que você está fazendo aqui? Não devia estar se arrumando com suas amigas?

— Já vou, Tomas — ela sussurrou. — Já estamos terminando aqui.

Cleo olhou para a esquerda. Os dois rapazes que haviam se aproximado da banca tinham cabelos escuros, quase pretos. Sobrancelhas inclinadas sobre olhos cor de cobre. Eram altos, tinham ombros largos

e eram muito bronzeados. Tomas, o mais velho dos dois, com vinte e poucos anos, observava o pai e a irmã.

— Aconteceu alguma coisa errada?

— Errada? — perguntou Silas por entre os dentes cerrados. — É claro que não. Estou fazendo uma transação. Só isso.

— O senhor está mentindo. Está aflito, dá pra ver.

— Não estou.

O outro rapaz lançou um olhar obscuro sobre Aron e depois sobre Cleo e Mira.

— Essas pessoas estão tentando enganar o senhor, pai?

— Jonas — Silas disse, cansado —, isso não é da sua conta.

— É da minha conta, pai. Quanto esse homem... — Jonas passou os olhos por Aron com uma antipatia nada disfarçada — concordou em lhe pagar?

— Catorze a caixa — Aron respondeu com indiferença. — Um preço justo que seu pai estava mais do que feliz em aceitar.

— Catorze? — esbravejou Jonas. — Como ousa insultá-lo dessa forma?

Tomas agarrou a camisa de Jonas e o puxou para trás.

— Acalme-se.

Os olhos escuros de Jonas queimaram.

— Quando um bastardo vestindo roupas ridículas de seda está tirando vantagem de nosso pai, eu me ofendo.

— Bastardo? — A voz de Aron virou gelo. — Quem está me chamando de bastardo, *camponês*?

Tomas se virou lentamente, com os olhos cheios de raiva.

— Meu irmão estava chamando *você* de bastardo. *Bastardo*.

E aquilo, Cleo pensou, apreensiva, era a pior coisa que alguém poderia dizer a Aron. Não era de conhecimento geral, mas ele era bastardo. Nascido de uma linda criada loira com quem o pai dele havia se engracado. Como a esposa de Sebastien Lagaris era estéril, ela pegou o

bebê como se fosse seu desde o nascimento. A criada, mãe verdadeira de Aron, morrera logo depois, sob circunstâncias misteriosas que ninguém ousou questionar nem naquela época, nem agora. Mas ainda se falava. E foram esses rumores que chegaram aos ouvidos de Aron quando teve idade suficiente para entender o que aquilo tudo significava.

— Princesa? — perguntou Theon, como se esperasse seu comando para interferir. Ela pôs a mão sobre o braço dele para impedi-lo. Aquilo não precisava se transformar em uma cena maior do que já era.

— Vamos, Aron. — Ela trocou um olhar preocupado com Mira, que, nervosa, largou sua segunda taça de vinho.

Os olhos de Aron não saíram de Tomas.

— Como ousa me insultar?

— Você deveria obedecer sua namoradinha e ir embora — aconselhou Tomas. — Quanto antes, melhor.

— Assim que seu pai pegar as caixas de vinho para mim, ficarei feliz em fazer isso mesmo.

— Esqueça o vinho. Vá embora e se considere sortudo por eu não arrumar confusão pelo insulto que fez ao meu pai. Ele é um homem crédulo e disposto a se vender por pouco. Eu não.

Aron ficou furioso. Sua calma anterior era jogada de lado pela ofensa e pela embriaguez, tornando-o muito mais corajoso do que deveria diante de dois paelsianos altos e musculosos.

— Tem ideia de quem eu sou?

— E nós nos importamos? — Jonas e o irmão trocaram olhares.

— Sou Aron Lagaris, filho de Sebastien Lagaris, senhor da Encosta dos Anciões. Estou aqui em seu mercado acompanhado de ninguém menos que a princesa Cleiona Bellos de Auranos. Demonstrem algum respeito por nós.

— Isso é ridículo, Aron — Cleo soltou um pequeno assobio por entre os dentes. Ela não queria que ele tivesse falado daquele jeito.

Mira entrelaçou o braço no de Cleo e apertou sua mão. “Vamos”, ela parecia estar sinalizando.

— Ah, vossa alteza. — O sarcasmo escorria das palavras de Jonas enquanto ele fazia uma reverência jocosa. — Ambas as altezas. É uma verdadeira honra estar diante de presenças tão iluminadas.

— Eu poderia mandar decapitá-los por tamanho desrespeito — vociferou Aron. — Vocês e seu pai. E sua irmã também.

— Deixe minha irmã fora disso — rosnou Tomas.

— Deixe-me adivinhar. Se é o dia do casamento, imagino que ela já esteja esperando uma criança, não é? Ouvi dizer que as garotas paesianas não esperam se casar para abrir as pernas para qualquer um que tenha dinheiro para pagar. — Aron olhou para Felicia, que parecia humilhada e indignada. — Eu tenho dinheiro. Talvez você possa me dar meia hora de sua atenção antes do anoitecer.

— Aron! — Cleo o repreendeu, horrorizada.

A princesa foi totalmente ignorada por Aron. Jonas direcionou seu olhar furioso a ela — tão quente que Cleo se sentiu queimada por ele.

Tomas, que parecia um pouco menos esquentado do que o irmão, lançou sobre Aron o olhar mais sombrio, mais venenoso que ela já havia visto na vida.

— Eu poderia matar você por falar isso da minha irmã.

Aron deu um sorrisinho para ele.

— Tente.

Cleo olhou para trás, para um Theon de expressão frustrada, a quem ela tinha dado ordens para não interferir. Para ela, já havia ficado claro que não tinha controle sobre a situação. Ela só queria voltar para o navio e deixar todo aquele aborrecimento para trás. Mas era tarde demais.

Impulsionado pelo insulto à irmã, Tomas voou sobre Aron com punhos cerrados. Mira ficou sem ar e cobriu os olhos com as mãos. Não havia dúvida de que Tomas ganharia facilmente uma briga entre

os dois e transformaria o magrelo Aron em um mingau de sangue. Mas Aron tinha uma arma — a elegante adaga cravada de joias que levava na cintura.

E agora ela estava em sua mão.

Tomas não viu a adaga. Quando chegou mais perto e agarrou a camisa de Aron, o lorde enfiou a lâmina na garganta dele. As mãos de Tomas foram direto a seu pescoço enquanto o sangue começava a jorrar. Seus olhos estavam arregalados pela surpresa e pela dor. Um instante depois, o rapaz caiu de joelhos e sucumbiu no chão. As mãos agarradas na garganta, a adaga ainda entranhada ali. O sangue logo formou uma poça escarlate em volta da cabeça de Tomas.

Tudo acontecera tão rápido.

Cleo segurou a mão sobre a boca para não gritar. Outra pessoa gritou — Felicia soltou um lamento penetrante de horror que gelou o sangue de Cleo. E de repente todo o mercado percebeu o que havia acontecido.

Berros cortaram o mercado. Houve uma movimentação repentina de corpos em volta de Cleo, empurrando e apertando. Ela gritou. Theon passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para trás. Jonas estava indo na direção dela e de Aron, com dor e fúria gravadas no rosto. Theon empurrou Mira na frente dele e puxou Cleo para baixo de seu braço. Aron estava atrás. Eles fugiram do mercado com as palavras coléricas de Jonas os perseguindo.

— Vocês estão mortos! Vou matar vocês por isso! Os dois!

— Ele mereceu — resmungou Aron. — Ele ia tentar me matar. Eu estava me defendendo.

— Continue andando, vossa senhoria — resmungou Theon, parecendo enojado. Eles abriram caminho na multidão, cambaleando até a estrada que levava ao navio.

Tomas não viveria para ver sua irmã se casar. Felicia nunca mais veria o irmão — e pior, ela havia testemunhado seu assassinato no dia

do casamento. O vinho que Cleo havia tomado balançava e lhe causava acidez no estômago. Ela se livrou do braço de Theon e vomitou no caminho.

Ela poderia ter feito com que Theon impedisse aquilo antes que tudo saísse do controle. Mas não fez.

Não parecia haver ninguém os perseguindo, e depois de um tempo ficou claro que os paelsianos haviam ficado para trás. Diminuíram o passo para uma caminhada rápida. Cleo manteve a cabeça baixa, apoiando-se em Mira. Os quatro andaram pela paisagem empoeirada em silêncio absoluto.

Cleo pensou que nunca mais tiraria da mente a imagem dos olhos de Tomas, repletos de dor.